

AMOR de



“MÃE É TUDO IGUAL, SÓ MUDA O ENDEREÇO”: SERÁ QUE ISSO É MESMO VERDADE? SE VOCÊ TEM UM CONTATO PRÓ-

XIMO COM A SUA MÃE, É BEM PROVÁVEL QUE JÁ TENHA VIVIDO CLICHÊS DENTRO E FORA DE CASA.

O dia estava ensolarado, ela disse para levar um guarda-chuva, porém, você ignorou o conselho. E o que aconteceu? Choveu! Em outra situação, revirou o quarto inteiro em busca de um objeto qualquer e não encontrou. Gritou um: “Mãe, você sabe onde está tal coisa?”. Ela diz que está em determinada gaveta, você afirma que já procurou lá e não estava. A resposta? “Se eu for aí e encontrar, você vai ver só!”. E adivinhe se o objeto perdido não reaparece? Parece que mãe tem um sexto sentido para tudo, um instinto maternal que faz com que ganhem superpoderes, como adivinhar que um relacionamento não dará certo ou mesmo que um determinado amigo não é confiável. Mãe sabe de tudo, diria outra crendice. No entanto, será que esse instinto é real ou apenas uma impressão que temos sobre o que acontece?

ALTERAÇÕES CORPORAIS

Após a gestação, muitas coisas mudam nos corpos e mentes das mulheres. Uma pesquisa da Universitat Autònoma de Barcelona com a Leiden University, na Holanda, analisou o cérebro de 25 mulheres antes, durante e dois anos depois da primeira gravidez. Por meio de ressonâncias magnéticas, descobriram que as mães tiveram uma redução da massa cinzenta em áreas do cérebro responsáveis pelas interações sociais. Para os cientistas, tais transformações seriam as responsáveis por permitir que as mães identificassem as necessidades dos bebês, ficassem mais atentas às ameaças sociais e desenvolvessem uma aproximação afetiva.

Durante a gravidez, outras mudanças também ocorrem:

MÃE

O desenvolvimento do amor entre mulheres e seus filhos durante e depois da gestação

TEXTO E ENTREVISTA Érica Aguiar
DESIGN Rodrigo da Graça

a digestão fica mais lenta, há uma sobrecarga cardíaca, mudanças hormonais provocam aumento do número de pelos, podem surgir estrias e o útero se expande para abrigar o bebê, sem contar que a mulher fica mais suscetível às emoções. “Após o parto, ocorre o aumento da produção de oxitocina. Este hormônio é secretado pela hipófise, tem a função de estimular a produção do leite materno e pode influenciar a empatia da mãe pelo bebê”, explica o neuropediatra Clay Brites.

COMO NASCE O AMOR?

De acordo com o especialista, todos nascemos com a capacidade de reconhecer sons e movimentos dos outros, os quais vamos nos familiarizando, e, dentro de três ou quatro meses, já conseguimos definir manifestações familiares, íntimas, e diferenciá-las das que são estranhas. “A necessidade do apego é inata ao ser humano, muito necessária nos primeiros dois anos de vida e essencial para que a criança consolide a aprendizagem da linguagem social”, destaca. E é na fase da infância que tudo começa, pois o conceito de amor é construído durante a vida inteira e depende do desenvolvimento de regiões cerebrais relacionadas à empatia, percepção social e ao apego. “Na fase de bebê, a criança tem a necessidade de ser cuidada e acomodada numa relação de apego com os adultos, até por instinto de sobrevivência”, afirma Clay.

Falando assim, parece até que a maternidade é um mar calmo, mas existem muitos desafios no processo de cuidar de uma criança. São fraldas sujas, amamentação, emoções



à flor da pele, noites mal dormidas e outros sacrifícios que precisam ser feitos em nome daquele pequeno ser que apenas consegue se expressar através do choro. Por isso, para marinhos de primeira viagem, a tarefa de cuidar de um bebê – caso não haja preparo – parece ser o fim do mundo, apesar do amor superar e compensar todos os percalços do caminho.

Embora seja complicado e haja uma avalanche de mudanças, muitas mães afirmam que fariam tudo outra vez se preciso fosse. Acordariam de madrugada, lavariam roupas sujas devido às fraldas que vazaram, ensinariam seus filhos a comerem sozinhos, mas não ficariam tão assustadas sem saber o que fazer. Cobrariam uma maior ajuda dos pais, dividiriam as tarefas com outras pessoas e tentariam não entrar em desespero quando surgisse um problema mais grave. E isso tudo porque o amor de mãe é superior à qualquer dificuldade, afinal, é por meio dele que elas pressentem que há algo diferente no tom de voz ou na expressão dos filhos e emendam um: “Está tudo bem?”.

DEPRESSÃO PÓS-PARTO

Nem tudo são flores quando se fala em amor materno. Algumas mulheres sofrem com depressão pós-parto, em que se sentem extremamente tristes, sem prazer, com sentimentos negativos, senso de aversão pelo próprio filho, apresentam choro constante, sensação grave de incapacidade e perda de esperança. “Tal condição decorre de fatores genéticos e ambientais, e é reforçada por panorama de abandono, imaturidade para a maternidade e pouco afeto”, explica o neuropediatra Clay Brites. O tratamento é medicamentoso, aliado à psicoterapia e ao apoio constante do cônjuge e da família da grávida.

Imagens: Shutterstock/Imagens

CONSULTORIA

Clay Brites, neuropediatra do Instituto NeuroSaber (www.neurosaber.com.br)